

**SEÇÃO I - ARTIGOS****PARTE I – EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E POLÍTICAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA****O papel do professor e a função interdisciplinar da filosofia**Jorge Luiz Viesenteiner<sup>1</sup>**Resumo**

Este texto tem por objetivo analisar as condições à interdisciplinaridade filosófica, em domínios, por exemplo, da filosofia e da literatura— saberes vinculados tradicionalmente à formação de recursos humanos à educação —, na medida em que se compreende a função do professor de filosofia como guardador/intérprete da racionalidade, enfatizando sua práxis de ‘médico da cultura’, a partir de três horizontes gerais: a) o papel de médico da cultura, portanto, um indicativo de engajamento político-social; b) o papel do cultivo da formação humana; c) a salvaguarda das especificidades teóricas de cada domínio do saber, conjugada com o uso semiótico de cada domínio entre si, em proveito da interdisciplinaridade.

*Palavras-chave:* médico da cultura, engajamento, formação, interdisciplinaridade.

**Teacher’s role and the function of philosophical interdisciplinarity****Abstract**

This text aims to analyze the conditions for philosophical interdisciplinarity around research areas such as philosophy and literature – theoretical domains that are traditionally linked to the formation of human resources for education –, as long as one understands the teacher's role of philosophy as keeper/interpreter of rationality, emphasizing the praxis of 'physician of the culture', from three broad horizons: a) the role of physician of the culture and an indicative of political and social engagement, b) the role of cultivation in human development, and c) safeguarding of the theoretical specificities of each field of knowledge, coupled with the semiotic use of each area between themselves for the benefit of interdisciplinarity.

*Keywords:* physician of the culture, engagement, formation, interdisciplinarity.

<sup>1</sup>Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia stricto sensu da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Membro do GIRN (Groupe International de Recherches sur Nietzsche) pela Ernst-Moritz-Arndt Universität Greifswald, na Alemanha. Email: [jvies@uol.com.br](mailto:jvies@uol.com.br)

## Introdução

Quando pensamos na filosofia e seu ensino, duas questões emergem como pautas decisivas de discussão que, aliás, têm a característica de serem temas continuamente em abertos: o papel do professor de filosofia e o sentido de se agregar à filosofia o caráter interdisciplinar por excelência.

A filosofia tem por vocação a tutela da racionalidade empregada para a criação/discussão de conceitos, por meio dos quais o mundo, a vida, a morte, etc., são interpretados/transformados. Acrescente-se ainda a vocação que a filosofia também possui de manter interlocuções com os mais variados domínios do saber, conferindo a ela a prerrogativa interdisciplinar por excelência. Ambas as vocações se intensificam principalmente quando a filosofia desloca sua função fundante dos saberes e das esferas da cultura, para exercer o papel de guardadora/intérprete da racionalidade, colocando em interlocução estruturas há muito isoladas e paralisadas. O esfacelamento das grandes narrativas sistemáticas da filosofia contemporânea pode ser indicado como um dos fatores decisivos, dentre outros, para tal deslocamento. Diante desse horizonte, o papel do professor igualmente se altera, assumindo aquele de médico da cultura e elo de forças formadoras. Neste caso, para além de ser aquele que indica a seara de veracidade dos saberes e das esferas culturais, assume a postura daquele que possui o termômetro e o diapasão com os quais a cultura é interpretada, reconhecendo que diagnosticar/interpretar a cultura é, simultaneamente, diagnóstico/interpretação de si mesmo. Isso pressupõe a habilidade de ser “elo” de ligação entre domínios de saber, para fins de formação humana.

Neste artigo, esboço algumas reflexões a propósito do debate tanto do papel do professor de filosofia, quanto da vocação interdisciplinar da filosofia. Distancio-me aqui da pretensão exegética do tema, em proveito de uma análise mais aberta sobre a pauta, agenciando, para fins de exemplificações, a interlocução entre saberes que se interconectam de muito perto, como a filosofia e a literatura. Separei em duas grandes partes o artigo, de modo que inicialmente elaboro o horizonte do professor como médico da cultura e elo de forças formadoras para, em seguida, experimentar com a hipótese da vocação interdisciplinar da filosofia, com uma rápida consideração sobre aspectos metodológicos de uma interlocução interdisciplinar.

### **O professor de filosofia: entre médico da cultura e elo de forças formadoras**

A formação de recursos humanos desde a educação fundamental até a superior parece exigir, de forma cada vez mais intensiva, o deslocamento do papel do professor como indicador fundante da racionalidade, para assumir o papel de guardador-intérprete dessa racionalidade em cada um dos domínios da cultura: filosofia, arte, religião, política, moral, etc. Indicador fundante da racionalidade significa uma função na qual o professor,

especialmente o professor de filosofia, confere à filosofia a função de legitimar/fundamentar as estruturas conceituais das esferas da cultura, num isolamento autocentrado e, muitas vezes, desengajado. No que se refere ao papel de guardador/intérprete da racionalidade, porém, trata-se de compreender, *lato sensu*, que o professor passa a ocupar o lugar de um “*elo de forças formadoras, como médico da cultura*”, tal como já havia escrito Nietzsche (1999, v. 7, p. 734), num ininterrupto esforço de diagnóstico das principais transformações contemporâneas, em cada uma das esferas culturais. O papel de médico da cultura pressupõe a habilidade de dialogar com as mais variadas vozes, renunciando a ter de encontrar uma unidade hermética para cada âmbito da cultura e do saber, mas em proveito da transversalidade do seu papel que, do ponto de vista da formação humana, guarda conceitualmente e interpreta as pretensões de racionalidade contemporâneas. Obviamente, o deslocamento semântico desse papel é um apelo oriundo do próprio *modus operandi* da cultura contemporânea, caso se queira pensar as humanidades e a formação humana de modo também engajados.

A formação de recursos humanos em todos os estágios da educação, no rigoroso sentido que explicamos acima de guardador/intérprete da racionalidade, encontra eco privilegiado quando aglutinamos, por exemplo, a filosofia, a literatura e a tradução, levando em conta, é claro, as interlocuções com outros domínios do saber que elas colocam em movimento. Trata-se de domínios vinculados tradicionalmente à formação de recursos humanos à educação, embora não restritos a isso, e, contemporaneamente, possuidores privilegiados desse status de guardadores e intérpretes da racionalidade. Justamente por isso, então, são domínios que devem assumir uma responsabilidade ainda maior no que se refere à formação de educadores, que por sua vez, têm de exprimir uma função crítica interdisciplinar que leve em conta três horizontes diversos: a) o papel de médico da cultura, portanto, um indicativo de engajamento político-social; b) o papel, por vocação, do cultivo da formação humana que a filosofia, a literatura e a tradução exercem, i.é., precisamente o exercício crítico de construir uma concepção de homem, no rigoroso sentido de como foi tradicionalmente pensado como *paideia*; e, por fim, c) nenhuma dessas funções interdisciplinares podem obliterar as especificidades de cada disciplina, de modo que, se por um lado, a interlocução interdisciplinar entre filosofia, literatura e tradução serve de semiótica umas para as outras, por outro lado, porém, é preciso reconhecer que cada um desses domínios ainda salvaguarda suas prerrogativas teóricas específicas. Esse último aspecto abre uma problemática ainda maior, tal como veremos adiante, no que se refere à metodologia de trabalho a ser empregada em um horizonte interdisciplinar como esse. É preciso destacar, além disso, que a compreensão desses três horizontes teóricos, a propósito da interlocução interdisciplinar entre filosofia, literatura e tradução, compõe, simultaneamente, uma concepção que também propomos do papel do professor, na medida em que, como escrevemos acima, trata-se de três domínios de saber tradicionalmente ligados à formação de recursos humanos à educação. Vejamos as linhas capitais de cada um destes horizontes interdisciplinares.

a) “Cada geração tem a sua tarefa” (KIERKEGAARD, 2010, p. 9), assim escreveu Kierkegaard – um dos primeiros filósofos contemporâneos – a propósito do absoluto engajamento da filosofia e os outros domínios da cultura, enfatizando a temporalização do pensamento. Assumir a função de guardador/intérprete da racionalidade significa, como vimos, reconhecer-se como ‘médico da cultura’, um ‘*elo de forças formadoras*’ capaz de pôr em movimento a interlocução paralisada entre domínios do saber, conforme registrara Nietzsche já em 1873. Como ‘médico da cultura’, então, é preciso reconhecer um específico horizonte de engajamento e, portanto, uma função político-social do professor guardador/intérprete da racionalidade. Para além de qualquer de caráter militante político-partidário, trata-se de compreender engajamento no sentido de um posicionamento crítico e concreto, na medida em que já sempre estamos inseridos em uma situação específica, de modo que também já sempre sabemos mais ou menos as regras do jogo. Isso significa que sempre atuamos em uma situação concreta de decisão/interpretação, renunciando às seduções moralistas de ter que pensar, previamente, a indicação legitimante/fundante da ação/interpretação correta para aquela situação. Não há espaços, então, para idealismos ou utopias inocentes, mas um esforço por reconhecer que, de antemão, já sempre estamos num contexto específico do qual se diagnostica algo. Se ‘cada geração tem sua tarefa’, cada aluno participe precisa também entender esse papel de ‘médico da cultura’ em sua dimensão engajada, logo, também possuidor de um papel político-social.

Não se trata apenas de mero engajamento, mas é preciso também entender com precisão essa função político-social; e aqui emprestamos novamente a noção nietzscheana de “extemporaneidade”. Por extemporaneidade compreendemos um modo de ser que consiste em um distanciamento da situação na situação: “atuar extemporaneamente – ou seja, contra a época e, com isso, na época e, talvez, em favor de uma época por vir.” (NIETZSCHE, 1999, v. 1, p. 247) Isso significa que alguém tem de estar absolutamente engajado com seu tempo, efetivamente preocupado com as questões da sua época, bem como típico filho do seu tempo, mas, simultaneamente, capaz também de se distanciar do seu próprio tempo, dando as costas a ele, a fim de pensar para além de seu próprio tempo e, com isso, construir as genuínas condições da criação. Engajamento como extemporaneidade, portanto, não é agir fora do tempo, mas implica em ser suficientemente filho da época e, ao mesmo tempo, tomar uma distância crítica dela a fim de pensar para além do tempo: um distanciamento da situação, na situação! Como escreveu Agamben:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, extemporâneo; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58s.).

O ‘médico da cultura’, pois, é a “má consciência do seu tempo” (Nietzsche, 1998, p. 118s.) e, para cumprir o papel de ‘elo de forças formadoras’, é preciso antes diagnosticar tais forças e se distanciar criticamente delas, a fim de poder pô-las em movimento, na mais autêntica função político-social de médico da cultura.

b) Interloquções entre filosofia, literatura e tradução também tem de levar em conta o horizonte da formação humana; e não poderia ser diferente, na medida em que, de forma sub-reptícia, a preocupação com a formação de um conceito de humano está à base de cada um desses domínios, no rigoroso sentido da noção de *Paideia* grega. Além disso, a função de ‘médico da cultura’, segundo Nietzsche, consiste em ser um ‘elo de forças formadoras’. ‘Elo’ consiste em pôr em movimento interloquções paralisadas com o objetivo de ‘formação’, notadamente de formação humana. Nesse aspecto, ao lado da discussão das especificidades técnicas de cada área, a interlocação entre filosofia, literatura e tradução tem de cumprir também a função de ampla formação interdisciplinar, dando ao aluno a habilidade de efetivamente ser esse ‘elo’ de forças formadoras. A interlocação entre filosofia, literatura e tradução é o domínio sumariamente adequado para criar tal concepção de humano: seja no debate entre filosofia e literatura, por exemplo, quando é possível pensar a criação de novas possibilidades de existência, seja no âmbito da tradução, por exemplo, a tradução do conceito de *Bildung* (formação) – o equivalente alemão do termo grego *Paideia* – na medida em que a tradução da palavra também exerce a função de semiótica através da qual é possível compreender as principais condições e estruturas culturais de uma época.

c) É preciso ainda, além disso, especificar com precisão em que consiste a interlocação entre os domínios da filosofia, literatura e tradução, quando pensada na perspectiva interdisciplinar. Essa interlocação consiste em compreender que cada uma dessas áreas exerce o papel de semiótica uma para as outras – e o sentido que tomamos de semiótica aqui é de forma bem genérica, vale dizer, a possibilidade que algo tem de ser uma lente de aumento por meio da qual interpretamos uma situação, um objeto, a vida, etc. Isso significa que cada um desses domínios faz uso das condições e estruturas teóricas uns dos outros, a fim de exprimir as suas próprias especificidades conceituais. Assim, os domínios se ‘orientam’ uns através dos outros. Não se trata, pois, de meras metaforizações entre os conceitos de cada uma das áreas, em aproximações descriteriosas e sem qualquer rigor teórico. Uma pesquisa interdisciplinar não pode e nem deve perder o rigor da discussão conceitual, em proveito da horizontalidade e em detrimento da verticalidade, para usar algumas expressões de Guérault (1974).

Assim, as diferentes áreas se orientam através umas das outras, na medida em que cada uma possui suas especificidades próprias, tendo sempre seus marcos teóricos também determinados, mas tão logo dialogam com outras áreas, usam-nas como semióticas para exprimir suas novas e próprias reflexões. A interlocação entre filosofia, literatura e tradução, pois, possui de forma muito clara um conceito de “orientação” que norteia esse diálogo, e que pode ser compreendida como um “espaço delimitado de posicionamentos desregulados”

(STEGMAIER, 2008, p. 221). Ora, há limites bem específicos ou espaços teóricos bem delimitados tanto para a filosofia, quanto para a literatura e a tradução. Colocá-las em interlocução significa, por um lado, levar em conta esse ‘espaço delimitado’, na medida em que salvaguardamos as especificidades teóricas de cada domínio, a fim de não perder seu rigor conceitual (a verticalidade metodológica); por outro lado, porém, na medida em que essas áreas se ‘orientam’ entre si, cada uma se configura como semiótica (e não metáfora) uma para a outra, a fim de exprimir posições, reflexões e novos saberes, visto que o posicionamento originado dessa interlocução é ‘desregulado’ (a horizontalidade metodológica), isto é, absolutamente aberto e pleno de possibilidades criativas.

Cada um desses três horizontes compõe, genericamente, a constelação que gira em torno da nossa hipótese inicial sobre o professor como guardador/intérprete da racionalidade e, nesse caso, como médico da cultura; além disso, esse ‘horizonte teórico’ serve de concepção geral que explica em que consiste uma interlocução, num projeto que envolve os domínios entre filosofia, letras e tradução, logo, uma interlocução efetivamente interdisciplinar.

Uma última consideração ainda precisa ser feita, no tocante ao papel da filosofia em específico e, sobretudo, sua radical função interdisciplinar, especialmente da filosofia contemporânea.

### **A natureza interdisciplinar da filosofia contemporânea**

A filosofia é a principal mola propulsora dessa reflexão. Na medida em que o professor como ‘médico da cultura’ tem forte orientação interdisciplinar – ‘elo de forças formadoras’ – é preciso também justificar como a vocação da filosofia também é igualmente interdisciplinar, notadamente a filosofia contemporânea.

Nossa hipótese segue com rigor a função do professor como intérprete/mediador da racionalidade, tal como explicamos acima. Nesse caso, trata-se também de compreender que a filosofia, na contemporaneidade – e aqui pensamos a partir do séc. XIX até os dias atuais –, precisa renunciar o papel de indicadora e fundadora da racionalidade e dos saberes, aquela que indica os lugares específicos ou tentando legitimar as bases de cada uma das esferas culturais, bem como apontando seus limites, para também assumir um papel de “*guardadora*” da racionalidade e intérprete das estruturas culturais contemporâneas. Isso significa que ela não precisa renunciar à racionalidade ou à rigorosa discussão de conceitos, mas apenas à sua pretensão fundante de universalidade a qualquer preço: “Mas, se essa perspectiva não é enganosa, não é inteiramente errado perguntar se a filosofia não poderia [...] trocar o papel insustentável do *indicador* de lugar pelo papel de um *guardador* de lugar”, tal como escreve Habermas (1989, p. 30).

Esse deslocamento de sentido, e aqui seguimos as pegadas de Habermas, deve-se a duas questões principais: por um lado, a des-referencialização do “sujeito solitário”, ou seja,

uma espécie de autoconsciência que se desdobra sobre si mesma, com supostas pretensões fundantes também a partir de si mesma, ou num otimismo generalizado em torno das próprias potencialidades. Conforme escreve Habermas, “no lugar do sujeito solitário, que se volta para objetos e que, na reflexão, se toma a si mesmo por objeto, entra não somente a ideia de um conhecimento linguisticamente mediatizado e relacionado com o agir, mas também o nexos de prática e da comunicação cotidianas, no qual estão inseridas as operações cognitivas que têm desde a origem um caráter intersubjetivo e ao mesmo tempo cooperativo.” (HABERMAS, 1989, p. 25) Nesse caso, trata-se de se movimentar da pretensão do sujeito que extrai de si mesmo, supostamente, as possibilidades fundantes do saber, para resituá-lo como mediador ou ‘nexo’ da prática e da comunicação cotidianas, em outras palavras, precisamente a mesma função anteriormente explicada de ‘elo de forças formadoras’, conforme escreveu Nietzsche.

Por outro lado, a des-referencialização das pretensões universalizantes, oriundas do típico modelo de um sistema filosófico. A filosofia contemporânea é marcada pelo enfraquecimento de um modelo de pensamento baseado em sistemas filosóficos, que por sua vez pressupunham uma supra-compreensibilidade, na medida em que exerciam o papel de juiz da racionalidade. Grosso modo, esse modelo de sistema construía uma ontologia (o homem é sua alma, p.ex.), deduzia uma forma de acessar tal essência com uma teoria do conhecimento, indicava uma ética a partir de tal ontologia (se o homem é sua alma, então livremo-nos do corpo), e assim por diante. O reconhecimento de que uma meta-compreensibilidade, bem como de que um sistema filosófico não conseguem exprimir o real são meros preconceitos, implica no deslocamento do papel da filosofia do seu pretense indicador de verdades, para a função de intérprete e interlocutora dos saberes. Assim, para além das grandiosas unilateralizações típicas dos sistemas filosóficos, Habermas pergunta: “ela não abre mão assim da relação à totalidade na qual deveria se apoiar enquanto ‘guardião da racionalidade’?” (HABERMAS, 1989, p. 31)

Ora, des-referencializar a pretensão fundante dos saberes, através de um sistema filosófico que exige uma meta-compreensibilidade significa, simultaneamente, fazer a filosofia se voltar ao ‘mundo da vida’ – *Lebenswelt* como é a expressão de Husserl. Estamos falando, nesse caso, de uma temporalização do pensamento e, além disso, da reconquista de um engajamento da filosofia, no rigoroso sentido que explicamos acima a noção de ‘engajamento’ como distanciamento da situação, na situação. É essa des-referencialização da razão que implica num distanciamento de uma suposta unidade racional, para reconhecer o caráter da racionalidade de mediadora dos saberes. Por isso, para além do papel de ‘indicador’, a filosofia tem de exercer o papel de ‘guardião’ da racionalidade, pondo em movimento interlocuções paralisadas por pretensões universalizantes.

Na prática comunicativa do cotidiano, as interpretações cognitivas, as expectativas morais, as expressões e valorações têm de qualquer modo que se interpenetrar. [...]

Assim, a filosofia poderia atualizar sua relação com a totalidade em seu papel de intérprete voltado para o mundo da vida. Ela poderia ao menos ajudar a recolocar em movimento a cooperação paralisada, como um móbil teimosamente emperrado, do fator cognitivo-instrumental com o moral-prático e o estético-expressivo. É possível pelo menos indicar o problema com que a filosofia vai se deparar, se ela abandonar o papel do juiz que fiscaliza a cultura em proveito do papel de um intérprete-mediador. (HABERMAS, 1989, p. 33).

Tanto a des-referencialização do ‘sujeito solitário’, quanto a des-referencialização dos sistemas filosóficos ou da unidade da razão, portanto, justificam o novo papel da filosofia na contemporaneidade, na medida em que sua função passa a ser de “guardadora de lugar e intérprete”. Assim, visto que a filosofia tem de se configurara mola propulsora ou o elemento aglutinador dos outros saberes, então também ela precisa se justificar em sua vocação interdisciplinar, resituando seu novo papel através de uma práxis comunicativa que se movimenta entre os outros domínios do saber. Como escreve Habermas, ela tem de ser capaz de ‘recolocar em movimento a cooperação paralisada, como um móbil teimosamente emperrado, do fator cognitivo-instrumental com o moral-prático e o estético-expressivo’, ou seja, o ‘elo’ entre as três principais esferas da cultura: a ciência, a ética e as artes.

Em resumo, na medida em que essa reflexão se refere a uma interlocução entre filosofia, literatura e tradução, é imprescindível que se justifique, com precisão, em que consiste tanto a interlocução quanto a interdisciplinaridade da proposta. O trabalho com alunos da licenciatura em filosofia, letras, pedagogia e história, por exemplo, implicaria que cada um deles compreendesse com clareza o horizonte teórico genérico dessa proposta, ou seja, o eixo norteador das pesquisas e o papel de cada um como ‘médicos da cultura’, ou ‘elos de forças formadoras’, através de três horizontes específicos, conforme vimos: o engajamento e sua função político-social, a importância da formação humana, e a salvaguarda das especificidades teóricas, mantendo o rigor conceitual e sem perder as interlocuções.

Uma consideração a ser feita ainda é sobre o aspecto metodológico que envolve o exercício interdisciplinar filosófico, por exemplo, nas interlocuções entre filosofia, literatura e tradução. No início desse texto, a terceira seara teórica no interior da qual minha hipótese se situa – além do horizonte de engajamento político-social, bem como de formação humana –, apontava, por um lado, para o confronto interdisciplinar entre âmbitos de pesquisa (filosofia, literatura e tradução), e, por outro lado, para a importância de salvaguardar as especificidades teóricas de cada uma das áreas envolvidas. Diante dessas duas variáveis de interdisciplinaridade e especificidades teóricas é que se justificam algumas observações sobre aspectos metodológicos de uma interlocução interdisciplinar entre filosofia, literatura e tradução.

Dentre os principais aspectos, o principal a ser enfatizado é precisamente evitar que no confronto teórico entre âmbitos diferentes de pesquisa, a interlocução acabe



desembocando, no fundo, em uma espécie de mera literatura comparada, especialmente quando aproximamos domínios teóricos no interior das humanidades. Isso significa que ao aproximarmos as interlocuções, o fato de que determinada área conceitue “x”, isso não significa que esse “x” se aproxima facilmente de outra área, pelo simples fato de que ambas estão escrevendo sobre “x”. É preciso refletir as interlocuções não tanto a partir dos temas propostos por diferentes domínios teóricos, mas pensar principalmente a partir dos seus próprios problemas (cf. PORTA, 2002). Que o tema ‘x’ no interior da filosofia não necessariamente signifique também ‘x’ no interior da literatura ou da história, torna-se compreensível especialmente se inserimos esse ‘x’ em seus devidos contextos, relacionado com seus respectivos problemas, bem como vinculado com seus objetivos e propostas específicas para cada ‘x’, a fim de perceber o quão fluida cada temática pode ser. Como vimos acima, “cada geração tem sua tarefa”, ou seja, cada pensamento e análise precisam ser coerentemente engajados, tal como é um dos horizontes que propomos nessa reflexão. Assim, pensar aproximações significa refletir os problemas de cada geração, as especificidades teóricas de cada época e, a partir do delineamento dos principais problemas, estabelecer as interlocuções. Do contrário, corremos o risco de aproximarmos filosofia, literatura e tradução em torno de um certo ‘x’, sem perceber que esse mesmo ‘x’ possui diferentes significados para cada domínio, respectivamente vinculado aos problemas que cada domínio teórico pensava numa determinada ocasião. Isso significa que, tão logo se alterem os contextos de aplicabilidade, modifica-se também o sentido daquilo que se fala em cada âmbito de pesquisa. Desconsiderar esse aspecto pode significar correr o risco de cair em mera literatura comparada, aproximando interlocuções que possuem problemas e soluções diferentes, embora todos falem de ‘x’.

Estabelecer e pensar as interlocuções partem, portanto, da reflexão dos seus efetivos problemas. E aqui está a riqueza de uma reflexão sobre as possibilidades de interlocução interdisciplinar: cada âmbito de pesquisa necessita de uma estreita ligação e diálogo entre si, ou seja, cada aluno participante de uma pesquisa precisa estreitar os vínculos de debate teórico, a fim de tornar absolutamente claro para cada um, por um lado, a extrema importância do debate interdisciplinar e no que ele consiste mas, por outro lado, o quanto cada âmbito teórico possui de especificidades teóricas, resguardando tanto a interdisciplinaridade do debate (o aspecto horizontal, como Guérault escreve), quanto as especificidades de cada âmbito teórico (o aspecto da verticalidade da pesquisa).

Isso significa ser capaz de refletir a partir de uma metodologia que podemos denominar de “interpretação contextual” (STEGMAIER, 2013, p. 287-306), ou seja, partindo da formulação clara dos problemas respectivos a cada situação, identificá-lo no interior de um texto em específico, analisá-lo de que modo ele se formula como conceito no interior dessa obra, bem como no contexto com as outras obras do mesmo autor, a propósito desse determinado problema. Isso significa que algo é formulado como questão de debate a partir dos problemas que determinado autor e texto se propõem analisar. A interdisciplinaridade se

estabelece, então, a partir dos problemas e não dos meros temas. Precisamente por isso que a filosofia, tal como a situamos anteriormente, precisa passar a ocupar o lugar de guardadora de lugar e intérprete da racionalidade. Antes de arrogar a pretensão fundante dos debates, ela ocupa a função de intermediação entre esferas de diálogos paralisadas, desde que se salvaguardem as especificidades teóricas de cada domínio do saber, sem perder a riqueza e fecundidade da interação entre esses mesmos domínios. A práxis de cada aluno envolvido em uma pesquisa interdisciplinar, por exemplo, e a metodologia interna dessa interlocução precisam que se garanta também, simultaneamente, a construção de uma habilidade para se pensar de outra maneira o papel de cada um, no futuro, como educadores (tal como tradicionalmente é o caso das áreas envolvidas nessa reflexão): por um lado, professores com certa bagagem de pesquisa verticalizada, engajados com projetos de pesquisa no intuito da contínua formação, inclusive, no âmbito da pós-graduação e, por outro lado, professores guardadores e intérpretes da racionalidade, com grande facilidade de interlocução entre diferentes domínios do saber.

**Submetido em setembro de 2013.**

**Aprovado para publicação em maio de 2014.**

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BRITO, Fabiano L. **Nietzsche, bildung e a tradição magisterial da filologia alemã**. In: *Analytica* v.12, no 1 (2008), p. 149-181.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: GOLDSCHMIDT, V. **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963, p. 139-147.

GUÉROULT, M. **La méthode en histoire de la philosophie**. Philosophiques, Paris, vol. 1, n°1 (1974).

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUMBOLDT, W. **Sobre a organização interna e externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim**. In: CASPER, G. **Um mundo sem universidades?** EdUERJ, 1997.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**, Martins Fontes, 1995.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Trad.: Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

LICHTENSTEIN, E. “Bildung”. In: Ritter, J. **Historisches Wörterbuch der Philosophie**, Bd. 1, Basel/Stuttgart: Schwabe & Co. Verlag, 1972.

OEING-HANHOFF, L. et al. “Geist”. In: Ritter, J. **Historisches Wörterbuch der Philosophie**, Bd. 3, Basel/Stuttgart: Schwabe & Co. Verlag, 1972.

NIETZSCHE, F. **Kritische Studienausgabe in 15 Bänden(KSA)**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PORTA, M.A. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

STEGMAIER, W. **Philosophie der Orientierung**. Berlin/New York: de Gruyter, 2008.

\_\_\_\_\_. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche**. Org.: Jorge Luiz Viesenteiner e André M. Garcia. Petrópolis: Vozes, 2013.